

SVEVA CASATI MODIGNANI

A VINHA DO ANJO

Tradução de Regina Valente

1

No fim de uma reunião muito animada, durante a qual cada um tinha acrescentado o seu contributo de criatividade e competência, decidiu-se finalmente qual o nome a dar ao novo espumante das caves Brugliani: Falce di Luna². Tinham sido necessários cinco anos de trabalho para afinar aquele néctar amarelo-palha com reflexos de ouro, que tinha um aroma fresco e macio e comunicava ao palato um sabor suavíssimo a pêssego e alperce, deixando um travo a laranja que o destinava a acompanhar carnes brancas, escalopes com limão ou ouriços-do-mar.

Qualquer vinho que se preze é o resultado de um longo e paciente trabalho, no qual a natureza tem um papel determinante. Com efeito, se a saraiva não destruir os bagos da uva e a chuva excessiva não os desbotar, se o sol forte os levar a uma maturação certa, enquanto a terra alimenta generosamente a planta, então o viticultor poderá iniciar o seu trabalho para produzir um bom vinho, o néctar mais antigo do mundo. Angelica Brugliani, administradora-delegada da empresa familiar, brindou ao recém-nascido com os seus colaboradores, dedicando a cada um deles aquele sorriso franco que a caracterizava. Todos gostavam dela e a respeitavam, porque era uma excelente diretora, que sabia transmitir confiança e energia positiva mesmo nos momentos mais difíceis.

Angelica tinha 35 anos e, desde que assumira as suas funções, fizera apenas dez vindimas; porém, acabada de nascer, o pai, Giovanni

² Lua em quarto crescente ou minguante, quando assume a forma de uma foice. (*N. da T.*)

Brugliani, tinha pegado nela ao colo e tinha-lhe aproximado do narizinho uma *flûte* de espumante Brugliani Brut, ao mesmo tempo que dizia à mulher:

– Tal como os irmãos, também ela tem de sentir imediatamente o aroma do bom vinho.

Enquanto crescia, Angelica foi aprendendo com ele a considerar o vinho como o *côté* intelectual de uma refeição e a perceber que, para o produzir, é preciso paciência e grande sabedoria, assim como um palato e um olfato muito refinados.

Naquele momento, Angelica disse:

– Obtivemos um produto superior e demos-lhe um nome lindíssimo. A partir de amanhã, vamos começar a desenvolver um programa para o lançar no mercado e estabelecer o preço a que o devemos vender. Agora vou deixar-vos, porque tenho um jantar na cidade e corro o risco de chegar atrasada, mas quero agradecer a todos vós pelo trabalho excelente que realizaram. Agradeço-vos do coração.

Deixou a sala de reuniões, saiu do edifício onde ficavam os escritórios, percorreu a longa alameda que se desenrolava pelo meio de pequenas casas de pedra e tijolo, recobertas de hera e jasmim, e chegou à casa senhorial, onde vivia com o marido e Elisabetta, a filha de 14 anos.

Aquele conjunto de construções, rodeado por muros antigos, albergara na Idade Média uma comunidade monástica e mantivera ao longo dos séculos o nome original de Borgofranco. Com efeito, era um pequeno burgo no planalto de uma colina coberta de vinhas, e os monges beneditinos tinham-no enriquecido com frescos, parcialmente recuperados e restaurados pelos Brugliani. Os monges tinham plantado as primeiras videiras nas encostas da colina. Depois, as guerras e as epidemias tinham-nos levado para outro lugar. As vinhas abandonadas foram invadidas pelas silvas até que, no início do século XIX, um Brugliani, notário na vizinha cidade de Brescia, adquiriu a colina e o seu pequeno burgo com a decisão de o fazer reviver. Depois dele, os seus herdeiros e as gerações seguintes continuaram a obra de limpeza e reestruturação, fazendo da produção vinícola a atividade da família.

Angelica, ao contrário dos dois irmãos mais velhos, que tinham outros interesses, dedicara-se à empresa, imprimindo-lhe uma lufada de modernidade.

Depois de uma adolescência e de uma juventude inquietas e transgressoras, casara aos 20 anos com Raffaello Rovesti, um jornalista que trabalhava no jornal diário local, *Fatti e Opinioni*, dele tivera a sua única, queridíssima filha e sentira-se, finalmente, realizada e serena.

No entanto, recentemente, o surgimento de um facto inquietante, que confiou apenas ao seu advogado, veio perturbar toda aquela tranquilidade. Há mais de um mês que chegavam ao seu telemóvel mensagens anónimas que a informavam de que o marido tinha uma amante.

Por muito que desprezasse aquele género de revelações, não conseguiu ignorá-las e, também naquela tarde, poucos minutos antes de começar a reunião com os seus colaboradores, tinha chegado mais uma, com a hora e o local do encontro amoroso do marido. Reencaminhou imediatamente a mensagem para o seu advogado, que estava a organizar um dossier sobre as traições de Raffaello e que tinha descoberto o nome da amante: Pippa Premoli, uma figura conhecida no mundo da economia.

O sucesso daquela reunião de trabalho tinha apagado a frustração de Angelica devido àquela nova mensagem, mas a amargura voltou a dominá-la, enquanto se preparava para o serão na cidade. Reprimiu as lágrimas, apanhou os longos e fartos cabelos castanhos dourados numa grande trança que enrolou na nuca, vestiu umas calças e casaco de crepe de seda verde-esmeralda, calçou uns sapatos de camurça e pegou na bolsa da mesma cor.

Quando desceu ao rés do chão, Elisabetta estava na sala de estar a falar com Rosina, a empregada que vivia em casa dos Brugliani há quase trinta anos. Assim que viu a mãe, gritou:

– Falce di Luna é um nome lindíssimo. O Emilio veio dar-nos a provar. Mãe, tenho mesmo de te dizer: estas novas borbulhinhas não são um vinho, são um sonho.

Emilio, o enólogo da empresa, estava convencido de que, no momento certo, a jovem Elisabetta se colocaria com muita dignidade ao lado da mãe naquela atividade.

Elisabetta tinha aprendido com o avô a provar os vinhos. Ele tinha-lhe ensinado como levar o copo aos lábios e provar um pequeno gole, depois de ter aspirado o seu aroma, mantendo-o entre a língua e o palato e depois deixando-o escorrer lentamente na garganta. Era já capaz de captar a rotundidade de um vinho, as nuances do sabor e o aroma.

Angelica acalentava o projeto de um futuro, nem sequer muito distante, em que se ocuparia de outras coisas, no âmbito de Borgofranco, enquanto a filha se dedicaria à produção vinícola.

Naquele momento sorriu-lhe, satisfeita, e deu-lhe um grande beijo na testa.

– O teu marido ligou para avisar que não vem jantar – comunicou-lhe Rosina.

Angelica já imaginava, mas não fez comentários. Disse então à filha:

– Vou tentar regressar muito cedo, para não perdermos a nossa conversa do fim de dia.

– Pois eu queria dizer-te que podes até regressar tardíssimo, se me deixares convidar o Gianmarco para me fazer companhia – disse Elisabetta, dedicando-lhe um sorriso cativante.

Gianmarco era o namorado. Morava num complexo rural na colina em frente a Borgofranco, e todas as manhãs apanhavam juntos o autocarro que os levava à escola, na cidade, onde ela frequentava o liceu com ótimos resultados e ele, também um excelente aluno, uma escola técnica. Conheciam-se desde crianças e gostavam muito um do outro.

– Convida-o para jantar. A Rosina arranja qualquer coisa para os dois. Mas às dez horas ele tem de voltar para casa. Quanto a mim, em qualquer caso, vou regressar muito cedo – disse, e saiu.

Entrou na garagem. Antes de se sentar na moto tirou da pequena mala o blusão preto de *Kevlar* com proteção de costas, o capacete integral e as sapatilhas. Vestiu-se e colocou na mala os sapatos elegantes e a carteira. Subiu para a moto, acelerou e partiu.

A cidade ficava apenas a dezoito quilómetros de distância, mas se levasse o carro ia apanhar o engarrafamento do trânsito da hora de ponta e faria uma péssima figura ao chegar tarde a casa dos

Favaretto, que a tinham convidado, com mais alguns amigos escolhidos a dedo, para o jantar em honra de um escritor que tinha recebido inúmeros prémios literários com o seu último romance, aborrecidíssimo mas muito na moda naquela altura.

Amalia Favaretto organizava frequentemente jantares com artistas e escritores, não porque fosse uma amante da arte e da literatura, mas para ler, no dia seguinte, nas páginas da crónica citadina, o resumo do serão que se realizara na sua bela mansão, no centro da cidade, e ter um lugar de destaque entre as mulheres mais notórias da cidade.

Angelica Brugliani aceitava um convite em cada quatro, para manter por sua vez o papel de mulher importante na alta sociedade, limitando ao mínimo os custos. Efetivamente, os jantares em casa dos Favaretto eram muitas vezes entediantes, mas toda a gente comparecia para fazer parte daquela elite.

Angelica era uma motociclista muito experiente. Quando tinha 19 anos, o pai impusera-lhe um curso de condução dado por um ex-piloto que tinha sido um ás do motociclismo mundial, e aprendera que a velocidade anda de mão dada com a prudência. Nunca tivera um acidente.

Avançava agora aos ziguezagues ao longo da estrada repleta de carros. Como sempre, quando andava de moto, tinha os seus pensamentos a fazer-lhe companhia e, naquele fim de tarde, estavam concentrados na amargura provocada pela traição do marido.

Após uma primeira experiência conjugal, falhada, com um poeta sem dinheiro, considerara Raffaello Rovesti um porto seguro para uma vida feliz a dois. Mas afinal tinha-se enganado mais uma vez.

Dizia para si mesma que devia ter dado conta há muito tempo de que aquele belo rapaz, ambicioso e determinado em emergir no mundo da imprensa, não era tão fiel como ela julgava. Recuando na memória, regressavam-lhe agora à ideia alguns pormenores que devia ter registado se não se tivesse deixado influenciar pela confiança que depositava nele.

Lembrou-se daquilo que lhe tinha recomendado o seu advogado: «Conhecendo-te como te conheço, sei que estás magoada, ofendida e muito zangada. Mas tens de te calar e continuar a fazer

de conta que ignoras a traição. No momento oportuno, veremos como vamos usar as provas que estamos a juntar».

Havia já várias semanas que Angelica ostentava uma serenidade que não tinha, mas quando estava sozinha abandonava-se ao choro. Mesmo agora, enquanto conduzia a moto, deixou-se dominar pelos soluços. As lágrimas embaciaram a viseira do capacete e não se apercebeu de que as luzes de travagem do carro que ia à sua frente se tinham acendido. Foi chocar com violência contra o automóvel. O impacto fê-la saltar da moto, foi catapultada e ficou estatelada numa zona relvada, para além da berma da estrada, perdendo os sentidos. Quando recuperou os sentidos, abriu os olhos e viu o olhar apreensivo de um homem, debruçado sobre ela, que lhe estava a tirar o capacete.

Ele disse-lhe:

– Já chamámos uma ambulância, está quase a chegar. Esteja sossegada e não se mexa.

– Sinto muito – disse Angelica num sussurro, e desmaiou outra vez.

2

Tinha uma faixa a cingir-lhe o braço. Abriu os olhos para um céu que ia escurecendo e desenhava estrias rosadas no horizonte. Era junho e ela estava ainda estendida no relvado. Havia alguém que lhe media a tensão e que, ao ver que ela tinha recuperado a consciência, a tranquilizou:

– Sou médico e, de acordo com um exame superficial, parece não ter sofrido nenhum traumatismo. O capacete e o blusão protegeram-na. Agora vamos levantá-la e estendê-la na maca.

O ruído monótono e incessante do trânsito ao longo da estrada era um zumbido incomodativo que lhe feria os ouvidos.

Dois homens e uma mulher vestidos com o macacão vermelho da assistência rodoviária pousaram-na numa maca, com todo o cuidado.

– Sabe dizer-me o seu nome? – perguntou-lhe o médico, enquanto a maca era empurrada sobre o asfalto.

– Angelica – respondeu ela, num sopro.

O médico prosseguiu:

– Não se aflija. Vamos levá-la para o hospital.

Enquanto a maca era empurrada para dentro da ambulância, aproximaram-se dois políciais. Um deles reconheceu-a e perguntou-lhe:

– É a Angelica Brughiani?

Ela assentiu e ele perguntou-lhe:

– Está em condições de me dizer para onde se dirigia?

– Para a cidade, para casa dos Favaretto, jantar – respondeu, com um fio de voz.

– Nós avisamos a sua família – concluiu o políciais.

Quando as portas da ambulância estavam prestes a fechar-se, o segundo polícia voltou-se para o médico, que estava agora sentado ao lado de Angelica, e disse:

– O homem que a socorreu era o condutor do carro que foi atingido pela moto; descreveu-nos o acidente e seguiu no reboque que lhe veio buscar o carro. Temos todos os dados para o contactar. – Depois acrescentou: – A moto meteu-lhe a mala dentro mas ele, felizmente, ficou ileso.

– Agora temos de nos despachar – rematou o médico, e pediu ao motorista para arrancar.

No serviço de Urgências do hospital, Angelica estava a descansar num quarto onde havia outras camas, para além da sua, separadas umas das outras por uma cortina. Os médicos tinham-na submetido a todos os exames necessários e tinham concluído que apenas sofrera um choque violento e uma contusão no joelho esquerdo. Depois deram-lhe soro com sedativos. Angelica viu por poucos instantes a filha e o marido. Depois chegou Gaspare, o mais velho dos irmãos, chefe do serviço de Oncologia daquele mesmo hospital. Animou-a com o seu vozeirão de barítono:

– Olá, maninha. Estás muito bem. Eu sei que tens saudades minhas, mas podias ter escolhido uma maneira menos teatral para me visitares.

– Palermo! – disse ela, e logo a seguir desatou a chorar.

Gaspare abraçou-a.

– Ainda estás em estado de choque e as lágrimas vão ajudar-te a diluir a tensão. Querida Angelica, lamento muito ter de te dizer que os meus colegas se querem ver livres de ti o mais depressa possível e que amanhã de manhã te vão mandar para casa. Eu gostava de te ter aqui durante um mês em repouso forçado, mas não há nada a fazer. Parece que estás sã como um pero.

– Não é verdade. Estou desfeita – soluçou Angelica.

– Coragem, amanhã de manhã vais estar ótima e voltar para casa pelo teu pé. Já sosseguei o teu marido e a tua filha.

A crise de choro estava a esgotar-se e Angelica abandonou-se

ao sono que aos poucos a ia envolvendo: os sedativos começavam a fazer efeito. No entanto, ainda ouviu o irmão dizer:

– Um colega disse-me que passou por aqui o homem que ia a conduzir o carro em que tu bateste. Sofreu uma chicotada no pescoço, mas não havia razões para um internamento. Perguntou por ti e a médica sossegou-o.

Nesse instante, Angelica adormeceu. Foi acordada pelo aroma do café que a enfermeira lhe ofereceu com um sorriso, dizendo-lhe:

– Está quente, forte e bem açúcarado, segundo a indicação do Dr. Brugliani.

Angelica tomou-o em pequenos goles.

– Deixei-lhe em cima da cadeira o saco com a roupa que o seu marido trouxe. Ele está ali fora, à espera. Vista-se com calma e depois vá ter com o médico de serviço para assinar a alta – acrescentou a enfermeira, antes de a deixar.

Angelica ouviu vozes excitadas e um ruído de passos. Afastou ligeiramente a cortina e viu passar uma maca empurrada a grande velocidade pelos maqueiros, seguida por dois polícias e por um médico que dizia:

– Rápido, para a sala de operações ou ainda a perdemos.

Duas enfermeiras aproximaram-se da cortina de Angelica e disseram entre si:

– O costume, o ajuste de contas de madrugada.

– Em vez de os deixarem esganar-se uns aos outros na sua santa paz, lá temos nós que lhes dar precedência sobre a gente boa que sofre – comentou a outra.

No ar pairava um cheiro a desinfetantes.

Angelica abriu o saco que continha a sua roupa e começou a vestir-se. Recordou tudo o que tinha acontecido na noite anterior e reconstituiu os factos: seguia pela estrada nacional em direção à cidade e soluçava a pensar no falhanço do seu casamento. Depois tinha havido um choque violento contra o carro que ia à frente dela, o voo e a queda sobre o relvado. Quando recuperou os sentidos viu um homem que a tinha socorrido.

Lembrava-se de tudo com clareza e agradeceu aos céus por não se ter magoado. Acabou de se vestir. Por cima da *T-shirt* enfiou

o blusão azul e encontrou no bolso um papel dobrado. Abriu-o e reconheceu imediatamente a caligrafia angulosa da sua Elisabetta: «Olá, mamã. Estou feliz porque sei que te vou encontrar em casa quando voltar da escola. O tio Gaspare garantiu-me que estás inteira. A casa e aos telemóveis chegam telefonemas contínuos a perguntar como estás. O teu acidente tornou-se do domínio público no espaço de poucas horas. Espero que a roupa que te meti no saco seja apropriada. Gosto muito de ti. A tua filhota».

Havia ainda um *post scriptum*: «Ontem à noite o Gianmarco estava comigo quando a polícia telefonou e deu a notícia do teu acidente ao pai, que estava no jornal. Esteve sempre comigo até eu ter entrado no carro com o pai para vir ter contigo».

Angelica sorriu e depois soltou um queixume, porque o joelho, envolvido por uma grande ligadura, lhe doía.

Com um passo hesitante foi até ao gabinete do médico que assinou a autorização de saída das Urgências. Enquanto se dirigia à porta, perguntou a si mesma o que teria acontecido ao seu telemóvel. Após um breve abraço, foi a primeira pergunta que dirigiu ao marido, que estava à espera dela no corredor.

– Entregaram-mo ontem à noite, juntamente com os teus objetos pessoais, e está em casa – respondeu ele.

As rugas verticais na testa do marido disseram-lhe mais do que muitas palavras.

– Vou levar-te a Borgofranco – anunciou, enquanto lhe dava o braço para a ajudar a caminhar.

Angelica observou-o durante um instante. Raffaello tinha sido um belo rapaz, saudável, exuberante, inteligente, hiperativo, e continuava a ser, aos 40 anos, um homem lindíssimo.

– Primeiro quero ir ao centro: preciso urgentemente de um *cappuccino* e de um brioche com compota.

Entrou no carro do marido, que arrancou rapidamente, sem fazer comentários.

Arranjaram estacionamento em frente à pastelaria Giuliani. Àquela hora, na rua, as lojas começavam a abrir as grades. Os turistas mais madrugadores, com as máquinas fotográficas penduradas ao pescoço, circulavam preguiçosamente. Um empregado negro

levava a passear o cão dos patrões. Alguns ciclistas passavam como flechas a ziguezaguar por entre os porteiros dos edifícios que varriam a rua em frente às entradas.

Sentaram-se a uma mesa da pastelaria mais bonita da cidade. Angelica devorou um brioche, enquanto Raffaello saboreava um café.

– Não tens nada para me dizer? – perguntou ela.

– O que é que tu achas? – respondeu ele, com uma voz áspera.

– Que estás desesperado a pensar como vais sair da encrenca em que foste apanhado. Tendo tido na mão o meu telemóvel e lido as mensagens recebidas e enviadas, também deves ter visto as que eu recebi nestes dias e as que enviei ao advogado – disse de um fôlego.

– É verdade – sibilou Raffaello.

Angelica observou o belo rosto do marido e perguntou a si mesma se alguma vez ele a teria realmente amado.

Raffaello sempre fora muito ambicioso e, de simples jornalista do jornal local, tinha chegado em pouco tempo a vice-diretor. Hábil e inteligente como era, em menos de dois anos tinha sido nomeado diretor. Não, provavelmente Raffaello nunca a tinha amado, não porque amasse outra, mas porque se amava demasiado a si mesmo.

– Leva-me para casa, por favor – pediu-lhe ela, ao mesmo tempo que se levantava da mesa.